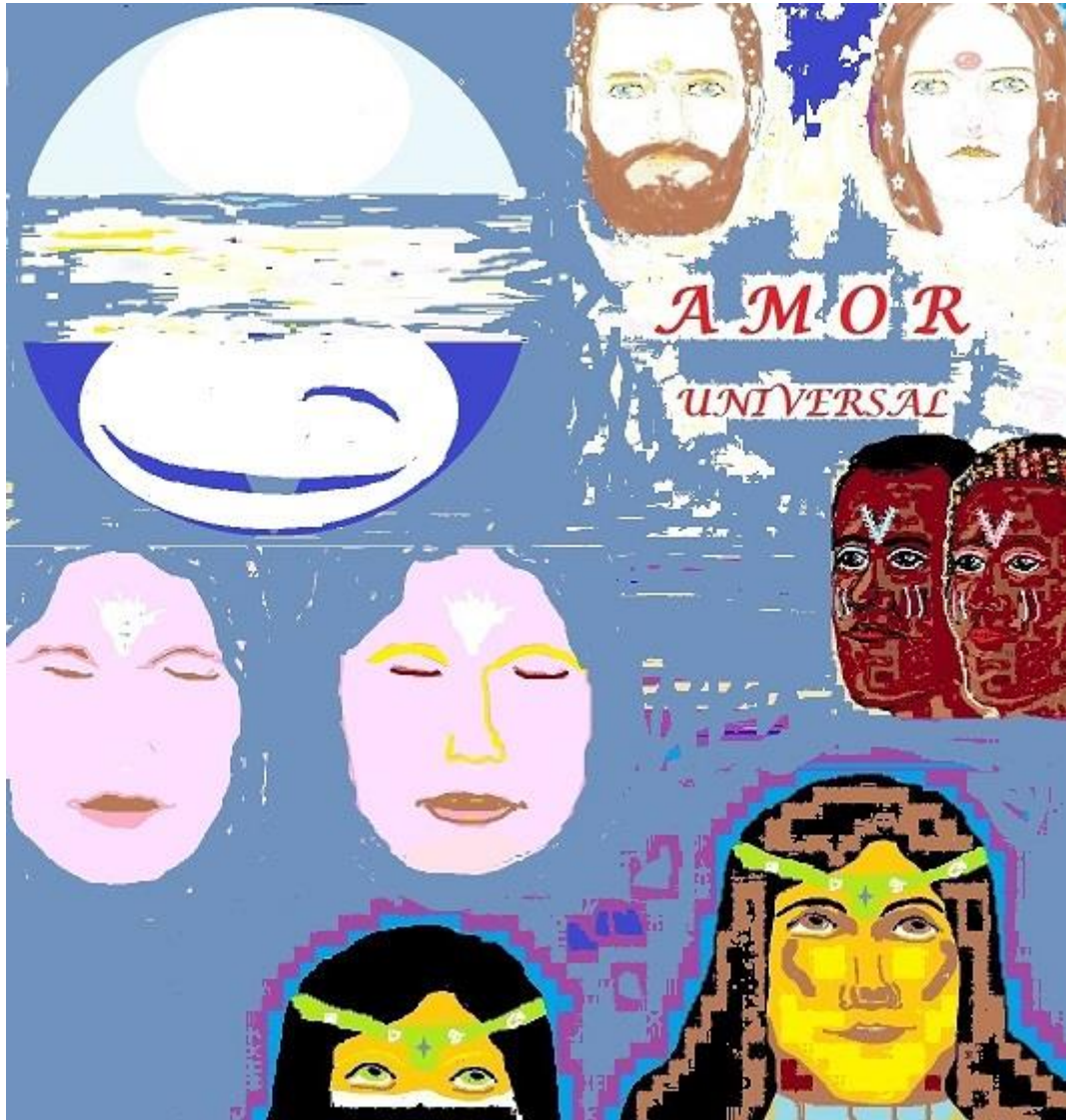


ESPONTANEIDADE, DISCIPLINA E CRIATIVIDADE NA VISÃO ESPÍRITA



J. L. Moreno

Luiz Guilherme Marques

médium

“Deixai vir a Mim as criancinhas, pois delas é o Reino dos Céus”.

(Jesus Cristo)

“Disciplina, disciplina e disciplina”.

(Emmanuel)

“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

(lema universal)

“Sejam os vossos hábitos de culto da gentileza um modo de equilíbrio, que deveis impor a vós mesmos como disciplina de autoburilamento da vontade e do comportamento.”

(irmã Tereza)

“Dos três elementos: espontaneidade, disciplina e criatividade, o mais importante é a espontaneidade, que devemos procurar manter sempre a fim de pensar, sentir e agir com a pureza e candura das crianças, sendo que a disciplina é necessária para persistirmos nesse propósito, enquanto que a criatividade é o resultado: as realizações no Bem, que dependem da boa vontade e da persistência. Não se trata de um paradoxo, mas do caminho para a evolução intelecto-moral, baseada na afirmação de Jesus: ‘Deixai vir a Mim as criancinhas, porque delas é o Reino dos Céus’.”

(Moreno)

ÍNDICE

1 – Espontaneidade: liberdade

1.1 – “*Deixai vir a Mim as criancinhas, pois delas é o Reino dos Céus*”

1.1.1 – Uma longa caminhada

1.1.2 - Autodescobrimento

1.2 – Pessoas que valorizaram a espontaneidade

1.2.1 – Sócrates

1.2.2 - Jesus

1.2.3 – Francisco de Assis

1.2.4 – Comenius

1.2.5 – Pestalozzi

1.2.6 – Maria Montessori

1.2.7 – Chico Xavier

2 – Disciplina: igualdade

2.1 - “*Disciplina, disciplina e disciplina*”

3 – Criatividade: fraternidade

3.1 – Criatividade no Bem

4 – Amor Universal

INTRODUÇÃO

Primeiro, devemos explicar o significado do desenho da página inicial, onde aparecem representantes das quatro raças: branca, negra, amarela e vermelha, igualmente importantes, sendo que todos os Espíritos devem passar por encarnações em todas elas, a fim de aprenderem o que cada uma tem de melhor, tanto quanto têm de vivenciar a masculinidade e a feminilidade, a riqueza e a pobreza, a intelectualidade e a incultura aparente, a saúde e a doença e assim por diante.

Neste estudo iremos analisar três valores: a espontaneidade, a disciplina e a criatividade.

A espontaneidade não é valorizada por todas as pessoas, pois a maioria adota a rigidez no pensar, no sentir e nas atitudes, considerando a espontaneidade como sintoma de ingenuidade, infantilidade, vivendo em função das convenções humanas e a autocontenção, com atitudes estudadas, com a máscara das conveniências e, muitas vezes, da hipocrisia, afivelada ao rosto. Jesus é o Modelo Máximo da espontaneidade para os habitantes da Terra e, por isso, foi tido como ingênuo e é, por muitos, tido como tal até hoje. Pensemos nisso com calma e profundidade, pois aqui está o principal ponto do nosso estudo.

A criatividade nem sempre é levada em conta, a não ser que redunde em dinheiro e poder, sendo os inovadores tratados, muitas vezes, como desagregadores, lunáticos, inconvenientes e prejudiciais à conservação dos mais astutos no comando das coletividades. Jesus também é o Modelo Máximo da criatividade para os Espíritos ligados à Terra, pois as Lições que ensinou o foram através de uma técnica pedagógica irresistível, que é a do Exemplo, que “*arrasta*”, enquanto que a palavra, no máximo, “*convence*”, mas pode não produzir os efeitos desejados da mudança ético-moral. A criatividade, para efeito do nosso estudo, são as realizações no

Bem, que dependem da capacidade de improvisação, descoberta de novos caminhos, tudo isso que vai sendo desenvolvido pela espontaneidade, desde as brincadeiras de criança.

Quanto à disciplina, deve ser utilizada como guia, meio controlador, força, para mantermos a espontaneidade. Apesar de parecer a mais importante de todas as três, é a menos relevante, porque é apenas um elo entre as duas outras.

Os prezados leitores compreenderão melhor esta realidade à medida que forem acompanhando a nossa exposição, que não é de nossa autoria, mas simplesmente o retrato das Leis de Deus, que, imperfeitamente, procuramos transmitir.

Pensemos no seguinte:

1) Por que Emmanuel traçou para Chico Xavier um programa de vida e trabalho baseado na famosa afirmação: “*disciplina, disciplina e disciplina*”?

2) Por que Beethoven afirmava que uma boa música é o resultado de um minuto de inspiração e noventa e nove de transpiração?

3) Por que os misoneístas, ou seja, as pessoas de mentalidade conservadora são avessas a quem tenta descobrir “*caminhos novos*” e considera esses inovadores como preguiçosos, ociosos?

4) Jean-Jacques Rousseau afirmou que o ser humano nasce bom, mas a vida em sociedade o torna mau, todavia partiu de uma premissa equivocada, pois não levou em conta a Lei da Reencarnação, sendo que tem razão quem, considerando as reencarnações, sabe que os seres humanos terrenos, no geral, têm mais defeitos do que virtudes, mas levamos em consideração o fato de a “*essência*” de cada

criatura de Deus é divina, porque Jesus disse: “*Vós sois deuses, vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda*”, ou seja, o conhecimento da Verdade, em profundidade, transformará todos os Espíritos em Espíritos Puros, como Jesus já o é há bilhões de anos. Portanto, devemos informar nossos irmãos e irmãs em humanidade sobre sua “*essência*” divina e sobre as Leis de Deus, que eles se tornarão espontâneos no Bem constante.

A nossa observação, todavia, tem demonstrado que a espontaneidade é consequência do exercício da liberdade, pregada pelos revolucionários franceses de 1789; a disciplina na manutenção da espontaneidade sustenta a criatividade na realização de obras no Bem, que luta sempre pela igualdade, também defendida por aqueles idealistas, enquanto que a criatividade no Bem é sinônimo da fraternidade, ou seja, a prática do Amor Universal.

As crianças são o verdadeiro retrato da espontaneidade, e, quanto à criatividade, começa a se manifestar na fase infantil, através das brincadeiras e fantasias, que preparam para o futuro de estudo, trabalho e progresso intelecto-moral, levando as criaturas bem intencionadas à Fraternidade Universal. A disciplina não é natural na criança e somente passará a ser exercitada, normalmente, na fase adulta, conduzindo à ideia da igualdade.

Nossos amigos leitores estão percebendo a conexão entre o trinômio espontaneidade-disciplina-criatividade e liberdade-igualdade-fraternidade? Concordam com essa afirmativa? Em caso contrário, propomos-lhes apresentar seus argumentos.

Quanto ao que aqui apresentamos, repetimos, baseia-se na afirmação de Jesus: “*Deixai vir a Mim as criancinhas, pois delas é o Reino dos Céus*”, que procuraremos analisar a seguir e que ainda é muito mal compreendida pela maioria das pessoas, porque não pararam para analisá-la.

Nosso estudo baseia-se nas Lições e, sobretudo, na vivência de Jesus e pretende representar para nossos irmãos e irmãs em humanidade, no que pertine à espontaneidade e à criatividade, a valorização do que cada um tem de melhor dentro de si, em lugar dos condicionamentos impostos pela sociedade materialista e egoísta, que praticamente engessa as criaturas, fazendo-as deixar de serem elas próprias no que têm de mais humano, puro e criativo, para serem pessoas padronizadas de uma forma desumana, infeliz e competitiva. Pensemos sobre o significado profundo da afirmação de Jesus e procuremos nos desvestir de tudo que atualmente nos descaracteriza do que somos na nossa “*essência mais profunda*”, revelada na época em que, sob a aparente ingenuidade infantil, éramos espontâneos e criativos, vivendo muito mais felizes do que costumamos ser na fase adulta.

Não que venhamos a tomar atitudes ingênuas e viver como crianças, mas sim que adotemos a espontaneidade e a criatividade que perdemos há muito tempo, na luta pela conquista do pão de cada dia e na massificação que faz da maioria de nós sombras do que realmente podemos ser, como repetidores daquilo que nos obrigaram a aprender, violentando nosso íntimo, sendo que, no fundo da nossa alma, desejamos abraçar as criaturas; viver em paz com elas; harmonizarmo-nos com todos os seres da Natureza; andarmos entre as árvores; pisarmos descalços na relva macia; acariciarmos os animais; olharmos o por do sol ao final de cada dia; despirmo-nos, enfim, de todas as superfluidades, que impedem nosso contato direto com a Natureza, ou seja, com Deus.

Trataremos também da disciplina, mas daremos ênfase apenas ao seu aspecto positivo, no sentido da igualdade.

Que nosso Pai Celestial e Jesus nos abençoem a todos, nesta caminhada rumo ao que há de mais puro e singelo em nós próprios, na procura da nossa integração com todos os seres.

1 – ESPONTANEIDADE: LIBERDADE

Em qualquer teoria ou avaliação sobre o ser humano em que não se levem em conta as Leis da reencarnação, da evolução, da vida no mundo espiritual e do intercâmbio mental entre todos os seres, inclusive encarnados e desencarnados, o fracasso é quase certo, pois cada ser humano só é conhecido na sua integralidade se são consideradas todas as suas vivências e aquisições intelecto-morais anteriores. Isolar uma criatura, para análise, considerando apenas a reencarnação atual é o mesmo que imaginar todo o Universo com base apenas na realidade terrena.

Por isso, a maioria dos pais e mães, demais responsáveis pela educação e formação das crianças se equivoca no encaminhamento dessas criaturas e, ao lado de boas orientações que lhes dão, muitas vezes com o máximo de boa vontade e boa fé, instilam-lhes defeitos morais e equívocos intelectuais, ajudando por um lado e atrapalhando por outro.

Um dos maiores e mais graves erros que cometem é padronizar todas as crianças, matando nelas a espontaneidade.

Estudos realizados recentemente afirmam que cerca de 11% das crianças são superdotadas em alguma área, mas, por outro lado, com a massificação, o não incentivo à espontaneidade, grande parte dessas crianças veem abafadas suas inclinações naturais que, em muitas, raiam pela genialidade e são comprimidas em seus talentos, passando a agir, posteriormente, como jovens e, depois, adultos medianos, insatisfeitos, frustrados e infelizes.

A questão da espontaneidade é muito séria, mas, no atual estágio evolutivo da humanidade terrena, não é levada em conta o quanto deveria, com sérios prejuízos individuais e coletivos.

No Ocidente, principalmente, em que a maioria das pessoas não acredita na reencarnação, quase todos têm, na infância, sua espontaneidade pisoteada, comprimida, desconsiderada e são obrigados a se equiparar a objetos fabricados em série, estandardizados, mecanizados.

A liberdade de escolha, devido à mentalidade materialista, mercantilista, imediatista, mercenária, é desconsiderada e quase todos procuram as mesmas opções, que são as de comando e aquelas em que a remuneração é mais elevada. Dessa forma, esvaziam-se muitas opções de trabalho e concentram-se as pessoas em torno das profissões tidas como melhores, as quais não conseguem absorver os pretendentes, pois as vagas são em número reduzido. Podemos dizer que “*há muitos caciques para poucos índios*”, ou seja, a maioria quer ser “*cacique*” e há poucas vagas para tantos candidatos. Essas pessoas acabam não conseguindo ser “*caciques*”, perdem um tempo enorme nessa concorrência e acabam aceitando a ideia de ser “*índios*” a contragosto, revoltadas, depressivas, decepcionadas e desempenham mal esse papel, que é tão nobre e importante quanto o de “*cacique*”.

Não é o “*posto*” que dignifica o ser humano, mas a postura adequada que faz respeitável ou não o ser humano.

O materialismo, o mercenarismo, a descrença no lado espiritual do ser humano – tudo isso faz com que as pessoas escolham mal suas opções de vida e contribuam para a manutenção da infelicidade geral, porque são infelizes pessoalmente.

A liberdade é tida, por muitos, como irresponsabilidade, quando, na verdade, é o caminho do crescimento espiritual. Quando Jesus afirmou: “*Eu a ninguém julgo*” estava nos ensinando o respeito à liberdade alheia, pois não há evolução sem liberdade.

Devido ao atraso intelecto-moral da humanidade terrena, a liberdade costuma ser exercida de maneira caótica, prejudicial, violentadora dos direitos alheios, mas dia virá em que cada um utilizará sua liberdade para construir no Bem. Esse dia tem de começar de hoje, no “*aqui e agora*”, e não devemos adiá-lo, mas sermos dos primeiros a agir dessa forma, começando pelo autoconhecimento, ou seja, a conscientização de que somos Espíritos reencarnados para o cumprimento de determinadas tarefas adrede programadas, que, se bem desempenhadas, significarão um ponto a mais no nosso progresso intelecto-moral, não importando se essas tarefas são valorizadas ou não segundo os critérios materialistas do mundo terreno.

1.1 – “DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS, POIS DELAS É O REINO DOS CÉUS”

Jesus, como Divino Governador da Terra, não permitiria que nenhuma afirmação fosse tida como Sua se não o fosse realmente. Assim, por que teria permanecido registrado por dois milênios essa expressão: “*deixai vir a Mim*”? Quem iria impedir ou dificultar essa aproximação?

É um tema para reflexão: todos aqueles que procuram assumir posições de comando sobre uma coletividade ou até sobre uma pessoa que seja é aquele ou aquela a quem Jesus quis se referir. Ninguém lesa impunemente esse Mandamento da Lei Divina: “*Deixai vir a Mim*”.

O que significa “*ir a Ele*”? – Significa evoluir intelectual e moralmente.

Por que as “*criancinhas*” e não os adultos? – Porque Jesus quis simbolizar nas crianças a espontaneidade no Bem, as virtudes da humildade, desapego e simplicidade.

O “*Reino dos Céus*” é de quem? – Sabendo-se que Jesus disse que: “*O Reino dos Céus está dentro de vós*”, vivencia-o todo aquele que assume a espontaneidade das crianças na prática do Bem, em todos os momentos de sua vida, assim preenchendo os requisitos da espontaneidade, da disciplina e da criatividade.

Também se pode entender que, estando o “*Reino dos Céus*” dentro de cada um, aonde quer que essas criaturas sublimadas estejam levam dentro de si a luz interior, que ilumina e clareia o caminho dos que seguem atrás.

As Lições de Jesus devem ser mais praticadas, exercitadas na vida diária de relação com as outras criaturas, do que analisadas racionalmente, uma vez que somente quem as vive as compreende, porque estão além da razão fria e

mecanicista: por isso Ele disse que temos de ter “*olhos de ver e ouvidos de ouvir*”.

1.1.1 – UMA LONGA CAMINHADA

Paulo de Tarso rompeu com a estrutura de poder, prestígio e intelectualismo horizontal em que vivia após encontrar Jesus na estrada de Damasco, o mesmo acontecendo com Zaqueu e Maria de Magdala, enquanto que muitos outros, mesmo bem intencionados, somente começam a se desvestir dos condicionamentos materialistas, engessadores da espontaneidade no sentido que lhe damos neste estudo com o enfraquecimento do corpo pela idade ou pelas doenças incuráveis. Isso sem contar que há quem, mesmo passando por essas dificuldades, ainda se mantêm enclausurados nos padrões negadores da espontaneidade, preferindo morrer com toda a “*pose*” que os isola, na verdade, da sua “*essência*” divina de que falamos linhas atrás.

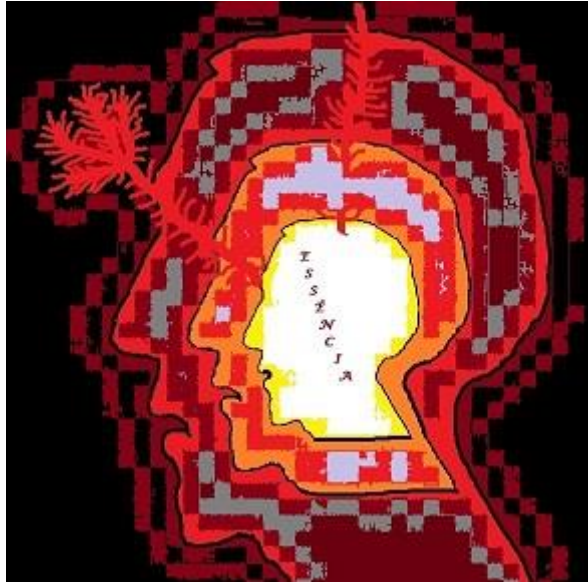
A tomada de atitude no rumo da espontaneidade não se resume a um único ato, a partir do qual tudo passaria a ser totalmente diferente, porque “*a Natureza não dá saltos*”. Na verdade, o processo segue uma sequência, como quem vai retirando as sucessivas películas de uma cebola, até chegar ao seu miolo, que se equipara à espontaneidade de um Sócrates, um Chico Xavier e outros homens e mulheres para quem o que importa é “*ser*” e não “*ter*”, isso no sentido mais espiritual possível.

Não devemos criticar aqueles e aquelas que ainda não conseguem ser espontâneos, porque acreditam pouco no seu próprio valor interno, por isso não dispensando as “*muletas psicológicas*”, representadas pelas posições de comando, pela bela aparência física, pela bajulação alheia, pela autopropaganda e outras formas de ilusão de superioridade, quando o que se deve pretender é ser irmão ou irmã de todos. Um dia esses também chegarão à espontaneidade. Devemos, direta ou indiretamente, ajudá-los nessa conquista, pois, tanto quanto o doente precisa do médico, o médico necessita do doente.

Ninguém julgue a ninguém, mas cada um julgue a si próprio: assim ensinou Jesus e é assim que devemos proceder.

Caminhemos no sentido da espontaneidade, para que sejamos as “*criancinhas*” a que Jesus se referiu.

1.1.2 – AUTODESCOBRIMENTO



Mais cedo ou mais tarde, dependendo do próprio amadurecimento espiritual, cada um deve realizar o trabalho do autodescobrimento. Tal é necessário para que o ser humano identifique, realmente, o que ele é, através das suas tendências, habilidades, dificuldades intelecto-morais etc.

Muito do que, com o tempo, se transformou em automatismos e condicionamentos foi simplesmente sendo agregado ao psiquismo das pessoas, começando pela influência da família carnal, da convivência com determinadas pessoas de índole dominadora e, no caso do casamento, pela indução do outro cônjuge, principalmente se foi longa a convivência.

Há pessoas de personalidade mais forte e pessoas de personalidade impressionável, sendo que a tendência é as primeiras imporem às segundas um estilo de pensar, sentir e agir que não lhes é natural e estas últimas acabam automatizando tudo, como uma “segunda natureza” e, quando param para se analisar, verificam que deixaram de ser elas próprias e estão apenas repetindo o que lhes foi induzido pelas primeiras.

Jesus, Modelo de todas as virtudes para os habitantes da Terra, nunca tentou mudar a natureza de quem quer que fosse, mas apenas sugeriu melhorias espirituais, deixando para cada um a escolha que mais lhe interessasse. Assim se pode ver no célebre encontro do senador romano Públio Lântulo Cornélio com o Divino Mestre, narrado por Emmanuel no seu livro “*Há Dois Mil Anos*”, psicografado por Chico Xavier. O senador, mesmo ouvindo as judiciosas ponderações do Sublime Governador da Terra, preferiu continuar apegado às coisas, interesses e valores mundanos e somente depois “caiu em si” e mudou de rumo, passando a priorizar as coisas, interesses e valores espirituais.

É importante cada um identificar o que representa sua verdadeira individualidade, a fim de aperfeiçoar-se dentro do seu estilo próprio de ser, e descartando aquilo que foi-se colando ao seu modo de ser desde a mais tenra infância por influência alheia e que, nem sempre, é bom para a sua evolução.

Os parentes não são, necessariamente, obrigados a pensar, sentir e agir do mesmo jeito simplesmente porque são parentes. Não devemos imitar nossos pais e antepassados pelo simples fato de lhes devermos gratidão, se seus exemplos de vida não nos convém como padrões de evolução. Apesar de valorizarmos quem quer que seja, devemos ser nós mesmos e seguirmos nossas boas inclinações.

Pode parecer difícil realizar essa auto avaliação, mas ela tem de ser feita, cedo ou tarde, mesmo que apenas no mundo espiritual.

Em cada encarnação nascemos ligados, pelo parentesco e pela convivência, a determinadas pessoas, a fim de nos “*universalizarmos*”, mas isso não significa que devemos deixar de ser nós mesmos, despersonalizando-nos e passando a ser “*amorfos*”, ao ponto de nem mais sabermos quem somos essencialmente, como se fôssemos atores, que, de tanto

mudarem de papel, não sabem mais quem são realmente como seres humanos.

A vida em coletividade, desde a infância, acaba nos impondo disfarces para tudo, pois, para não desagradarmos aos outros, calamos pontos de vista, imitamos as tendências dominantes, obedecemos aos mais poderosos e recalamos tudo que vá nos colocar em confronto com os padrões vigentes, mesmo quando contrariam as nossas convicções éticas: assim, ao final de nossa encarnação não sabemos mais o que nos “*pertence*” e o que “*passamos a ser*” por força da pressão externa.

A espontaneidade a que nos referimos exige esse trabalho de autodescobrimento, a fim de que sigamos nossas tendências mais elevadas, aperfeiçoando-as, mas sendo sempre nós próprios naquilo que somos de melhor e deixando de lado, apesar de respeitar, aquilo que não nos é recomendável em termos de evolução.

Pensem nisso com carinho e realizemos esse trabalho, que nos dará muita tranquilidade interior e certeza do que temos de fazer quanto a nós mesmos e quanto aos outros.

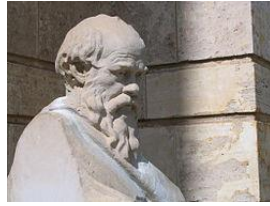
1.2 – PESSOAS QUE VALORIZARAM A ESPONTANEIDADE

São aqueles e aquelas que vivenciam o Amor Universal, ou sejam, aqueles e aqueles que se assemelham às “criancinhas” pela sua humildade, desapego e simplicidade. Nem sempre seus nomes passam à História, nem sempre são reconhecidas como beneméritas, nem sempre são valorizadas pela própria família consanguínea onde reencarnam, nem sempre têm um teto onde se albergar, nem sempre têm alguma escolaridade – tudo porque seu objetivo principal na reencarnação é viverem a espontaneidade da criação permanente no Bem em favor dos outros.

As personalidades que mencionaremos a seguir são algumas delas, sendo certo que, a maioria desses próprios Espíritos reencarnou muitas vezes anonimamente, cumprindo tarefas aparentemente insignificantes segundo os valores terrenos e somente ganharam destaque quando tal foi planejado na sua programação reencarnatória.

***“Colocar a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa”* faz parte de uma programação de grande precisão, mesmo que seja em benefício de uma única pessoa: entendamos isso, a fim de não pretendermos evidência desnecessária e, até, prejudicial a nós próprios.**

1.2.1 – SÓCRATES



Extraímos do livro “*Facilidades e Dificuldades na Visão Espírita*”, ditado ao médium por P. Janet, o seguinte trecho, referente aos métodos pedagógicos adotados por Sócrates, visando, em outras palavras, a espontaneidade, ou seja, despertar em cada um o que cada um tinha de melhor, independente do seu nível social, cultura, financeiro etc.:

Sócrates valorizava muito esse aspecto de cada individualidade, contribuindo para que cada pessoa jogasse para o consciente o que trazia no inconsciente, assim utilizando a chamada “maiêutica”, ou seja, um tipo de “parto espiritual”, ao invés de injetar no Espírito encarnado ideias e informações inúteis para sua vida naquela reencarnação.

Cada um é uma individualidade totalmente diferente de todas as demais e o ensino deve ser individualizado em alguns aspectos e generalizado em outros: por exemplo, nos primeiros anos de vida, ou seja, na infância, as crianças devem ser observadas, tentando-se detectar sua personalidade profunda para, a partir dali, investir-se no despertar dos seus talentos intelectuais e virtudes morais. É evidente que todas devem aprender as noções básicas que lhes darão a instrução comum, visando o exercício futuro de um trabalho profissional.

Pais evoluídos intelectualmente podem contribuir para esse despertar ou atrapalhá-lo, conforme direcionem seu trabalho junto aos filhos e filhas.

Sem detectar a personalidade dos filhos e filhas e auxiliá-los no despertar individualizado, pouco terão ajudado seus filhos e filhas.

Aliás, a maioria dos pais e mães, os quais não detectam a personalidade dos filhos e filhas, mais atrapalham do que ajudam nesse processo de despertar: o que eles fazem é tentar impor aos filhos e filhas sua própria forma de pensar, nem sempre correta, tanto quanto as frustrações e defeitos morais que os caracterizam, assim prejudicando os filhos e filhas.

A grande maioria dos pais e mães, se é verdade que contribui para a instrução básica das crianças sob sua responsabilidade, injetam nelas, inclusive através dos professores, informações inúteis ou até nocivas ao futuro delas.

Devemos considerar que todo conhecimento só tem valor se tiver utilidade para aquela reencarnação, uma vez que o cérebro tem capacidade limitada de armazenamento de dados e todo dado que não terá utilidade estará ocupando o espaço que deveria ser preenchido por outras informações úteis.

Os pais e mães em geral não agem levando em conta essa realidade e obrigam seus filhos e filhas a prenderem uma série enorme de inutilidades, que os estressam e violentam intimamente.

Se a Psicologia terrena fosse mais aperfeiçoada, ou seja, se levasse em conta a reencarnação e a evolução do Espírito através dessas sucessivas vivências, conseguiria detectar a vocação de cada pessoa e sua programação de trabalho na reencarnação. Todavia, com não chegamos a esse ponto e os próprios pais e mães, na sua maioria, não sabem disso, muito mais se prejudicam os filhos e filhas do que se os ajudam nessa fase inicial da reencarnação.

Pais intelectualizados ou não, mas desconhecedores dessa realidade, costumam ser verdadeiros ditadores junto aos filhos e filhas.

Cada pai e cada mãe devem analisar como tem sido seu comportamento junto aos filhos e filhas e, em caso de terem errado nesse aspecto, nunca é tarde para corrigirem a si próprios.

Sócrates foi um dos mais importantes pedagogos, senão o mais importante, abaixo apenas de Jesus, porque, ao invés de impor, conquistava cada discípulo para “seguir sua própria programação reencarnatória” ao invés de tornar-se mais um ser humano sem individualidade, despersonalizado, amorfo e frustrado.

Uma estatística afirma que cerca de onze por cento das crianças são superdotadas em algum aspecto, todavia, a maioria não se realiza por culpa dos pais e mães e do modelo de ensino standardizado, atropelador do ensino individualizado.

Inteligência desenvolvida dos pais e mães não significa que serão bons educadores para seus filhos e filhas.

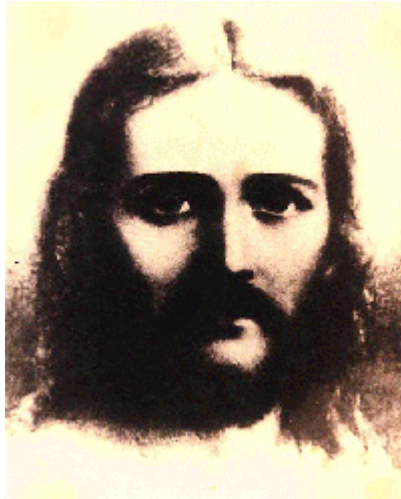
Atentem para isto, mas, principalmente, para o que vamos dizer agora: os Orientadores Espirituais é que realmente despertam cada Espírito para a eclosão dos talentos que irão importar na tarefa que cada um trouxe para a reencarnação. Assim é que se veem pessoas aparentemente inexpressivas tornarem-se verdadeiros gigantes, enquanto que outras, que pareciam brilhantes, desaparecerem na mediocridade.

É célebre o caso do padre Antônio Vieira, que, depois de orar pedindo a Deus que lhe despertasse a inteligência, adquiriu uma súbita facilidade para aprender tudo que lhe interessava.

Atentem para isto: os Orientadores Espirituais, com ou sem a ajuda dos pais e mães, vão ativando determinados centros do corpo físico, que proporcionam verdadeiros milagres no desenvolvimento dos seus pupilos reencarnados.

Felizes dos pais e mães que procuram colaborar nesse sentido com os Guias Espirituais, ao invés que quererem fazer dos filhos e filhas cópias do que sonharam para si e nem sempre conseguiram realizar.

1.2.2 – JESUS



A própria imagem de Jesus por si só basta para dizer o que as palavras são insuficientes para traduzir. Fixemos o olhar nos Seus olhos e deixemo-nos embalar pelo doce encantamento que se irradia de Sua Mente e Seu coração cheios do Amor mais Universal que temos condições de imaginar.

1.2.3 – FRANCISCO DE ASSIS



A famosa prece de Francisco de Assis possui um magnetismo irresistível e é ela que transcrevemos a seguir, a fim de beneficiar nossos prezados leitores:

Senhor!
Faze de mim um instrumento da tua paz!
onde houver ódio,
que eu leve o amor
onde houver ofensa
que eu leve o perdão,
onde houver discórdia
que eu leve a união,
onde houver dúvidas
que eu leve a fé,
onde houver erros
que eu leve a verdade,
onde houver desespero
que eu leve a esperança,
onde houver tristeza
que leve a alegria,
onde houver trevas
que eu leve a luz!

*Ó Mestre! Faze que eu procure mais
Consolar, que ser consolado,
Compreender que ser compreendido,
Amar que ser amado...*

Pois:

*É dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado,
E é morrendo que se vive para a Vida Eterna.*

Que assim seja !!

1.2.4 – COMENIUS



As informações que transcrevemos podem parecer muito técnicas, mas é importante que os prezados leitores as leiam, porque, no fundo, está estampada a espontaneidade, foco do nosso presente estudo.

Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Comenius> se lê o seguinte, no Português de Portugal:

Propôs um sistema articulado de ensino, reconhecendo o igual direito de todos os homens ao saber. O maior educador e pedagogo do século XVII produziu obra fecunda e sistemática, cujo principal livro é a DIDÁTICA MAGNA. São suas propostas:

- *A educação realista e permanente;*
- *Método pedagógico rápido, económico e sem fadiga;*
- *Ensino a partir de experiências quotidianas;*
- *Conhecimento de todas as ciências e de todas as artes;*
- *ensino unificado.*

Defendia sua pedagogia com a máxima: "Ensinar tudo a todos" que sintetizaria os princípios e fundamentos que permitiriam ao homem colocar-se no mundo como autor. Objectivando a aproximação do homem a Deus, seu

objectivo central era tornar os homens bons cristãos - sábios no pensamento, dotados de fé, capazes de praticar acções virtuosas estendendo-se a todos: ricos, pobres, mulheres, portadores de deficiências. A didáctica é, ao mesmo tempo, processo e tratado: é tanto o ato de ensinar quanto a arte de ensinar.

Salientava a importância da educação formal de crianças pequenas e preconizou a criação de escolas maternais, pois teriam, desde cedo, a oportunidade de adquirir as noções elementares do que deveriam aprofundar mais tarde. A educação deveria começar pelos sentidos, pois as experiências sensoriais obtidas por meio dos objectos seriam internalizadas e, mais tarde, interpretadas pela razão. Compreensão, retenção e práticas consistiam a base de seu método didáctico e, por eles se chegaria às três qualidades: erudição, virtude e religião, correspondendo às três faculdades necessárias - intelecto, vontade e memória.

Fundamentos naturais do método de Comenius: - o fim é o mesmo: sabedoria, moral e perfeição; - todos são dotados da mesma natureza humana, apesar de terem inteligências diversas; - a diversidade das inteligências é tão somente um excesso ou deficiência da harmonia natural; - o melhor momento para remediar excessos e deficiências acontece quando as inteligências são novas.

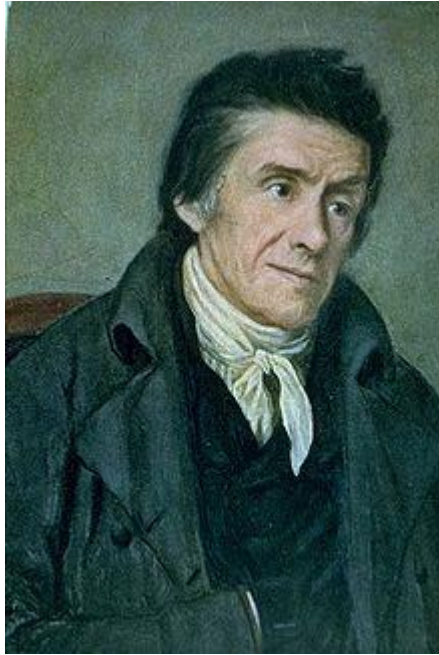
O método tem como preceitos: - tudo o que se deve saber deve ser ensinado - qualquer coisa que se ensine deverá ser ensinada em sua aplicação prática, uso definido; - deve ensinar-se de maneira directa e clara; - ensinar a verdadeira natureza das coisas, partindo de suas causas; - explicar primeiro os princípios gerais; - ensinar as coisas em seu devido tempo; - Foi um grande influenciador na educação moderna.

Com suas ideias inovadoras, Comênio desempenhou uma influência considerável, não somente porque se

empenhou em desenvolver métodos de instrução mais rápidos e eficientes, mas também porque desejava que todas as pessoas pudessem usufruir dos benefícios do conhecimento.

A obra de Comenius é um paradigma do saber sobre a educação da infância e juventude, utilizando, para isso, um local privilegiado: a escola. Já a Didática Magna apresenta as características fundamentais da escola moderna: - a construção da infância moderna como forma de pedagogização dessa infância por meio da escolaridade formal (até então, as crianças eram tratadas como pequenos adultos); - uma aliança entre a família e a escola, por meio da qual a criança vai se soltando da influência da órbita familiar para a órbita escolar; - uma forma de organização da transmissão dos saberes, baseada no método de instrução simultânea, agrupando-se os alunos; e - a construção de um lugar de educador, de mestre, reservado aos adultos portadores de saberes legítimos. Calvin José de Santana (aluno de Filosofia-UFPE) 9 princípios para a educação realista!

1.2.5 – PESTALOZZI



Trata-se de outro defensor e propagador da espontaneidade. Vejamos o que consta das informações de http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Heinrich_Pestalozzi:

Trechos extraídos do Livro Minhas indagações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento da espécie humana escrito por Pestalozzi em 1797, (traduzido do original alemão Meine Nachforschungen über den Gang der Natur in der Entwicklung des Menschengeschlechts):

Estado natural

O homem nesse estado é filho puro do instinto, que o conduz simples e inocentemente para todos os gozos dos sentidos.

Estado social

O homem como espécie, como povo não se submete ao poder como ser moral, nem tampouco entra na sociedade e na cidadania para servir a Deus ou amar ao próximo. Ele entra na sociedade e no estado de cidadania para tornar sua vida mais alegre e para gozar tudo o que seu ser animal e sensorial tem que gozar e para que seus dias

sobre a terra transcorram satisfeitos e tranqüilos. O direito social não é assim um direito moral, mas apenas uma modificação do direito animal. (...)

O poder só pode exigir de mim que eu seja um homem social. Ele não pode exigir que eu seja um homem moral. Se eu o sou, sou-o para mim e não para ele. O poder só pode exigir de mim que eu seja um homem moral na medida em que ele mesmo o seja, isto é, se ele não for poder, não se comportar como poder. Só pode exigir de mim, se ele viver a força de sua divindade, não para ser servido, mas para servir e dar a vida para a redenção de muitos. (...)

Simples satisfação é a cota do estado natural. Esperança é a cota do estado social. Não pode ser diferente: toda a estrutura da vida social repousa em representações que basicamente não existem – ela é uma representação. Propriedade, lucro, profissão, autoridade, leis são meios artificiais para satisfazerem minha natureza animal pela escassez de liberdade animal. (...)

Estado moral

Se eu alcançar na minha condição e na profissão tudo o que eu posso alcançar, se minha felicidade está garantida pelo direito, em suma, se eu, no pleno sentido da palavra, for um cidadão e se a palavra de meu país, liberdade – liberdade –, soasse novamente na boca dos homens honestos e felizes, estaria eu então satisfeito no meu íntimo? Deveria pensar que sim, mas não é verdade (...), o direito social não me satisfaz, o estado social não me realiza, não posso permanecer tranqüilo sobre o fundamento da minha formação civil, como não posso permanecer no mero prazer sensual e animal – sou, em todo o caso, através dessa formação, emudecido; na minha alma entraram desconfiança, sinuosidade e intranquilidade, que nenhum direito social pode desfazer. (...)

Se eu te declaro animal no envoltório do teu nascimento, não coloco o objetivo da tua perfeição nos limites do invólucro da tua origem. Vejo o interior do teu ser como divino, assim como o ser interior da minha natureza (...). Se o homem planta uma árvore ou uma flor, ele a enterra no solo, põe esterco na raiz e a cobre de terra. Mas o que ele faz com tudo isso ao ser íntimo da flor? O material, através do qual a semente se desenvolve, é em toda a natureza infinitamente de menor valor que a semente em si. (...)

Logo vi que as circunstâncias fazem o homem, mas vi também que o homem faz as circunstâncias, tem uma força em si mesmo que pode conduzir de várias maneiras, segundo sua vontade. (...)

Como obra da natureza, sinto-me livre no mundo para fazer o que me agrada e me sinto no direito de fazer o que me serve.

Como obra da espécie, sinto-me no mundo atado a relações e contratos, fazendo e suportando o que essas relações me prescrevem como dever.

Como obra de mim mesmo, sinto-me livre do egoísmo da minha natureza animal e das minhas relações sociais, e ao mesmo tempo no direito e no dever de fazer o que me santifica e o que santifica o meu ambiente.(...)

Como obra da natureza, sou um animal perfeito. Como obra de mim mesmo, esforço-me pela perfeição. Como obra da espécie, procuro me tranqüilizar num ponto sobre o qual a perfeição de mim mesmo não é possível.

A natureza fez a sua obra inteira, assim também faz a tua.

Reconhece-te a ti mesmo e constrói a obra do teu enobrecimento sobre a consciência profunda de tua natureza animal, mas também com a consciência

completa da tua força interior de viver divinamente no meio dos laços da carne.

Quem quer que tu sejas, acharás nesse caminho um meio de trazer tua natureza em harmonia contigo mesmo. Queres porém fazer tua obra apenas pela metade, quando a natureza fez a dela inteira? Queres estacionar no degrau intermediário entre tua natureza animal e tua natureza moral, sobre o qual não é possível o acabamento de ti mesmo? – Então não te espantes de que serás um costureiro, um sapateiro, um amolador ou um príncipe, mas não serás um homem.

Não te espantes então de que tua vida seja uma luta sem vitória e que nem sequer te tornes o que a natureza, sem a tua ação, fez de ti – mas muito menos serás um meio-homem civil. (...)

O princípio de que o bem do homem e o direito do homem repousam inteiramente na subordinação das minhas exigências animais e sociais à minha vontade moral é outra maneira de dizer o resultado do meu livro.

1.2.6 – MARIA MONTESSORI



A médica italiana, que se tornou pedagoga infantil, valorizava a espontaneidade, como se vê claramente em http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_montessori:

O Método Montessori ou Pedagogia Montessoriana relaciona-se à normatização (consiste em harmonizar a interação de forças corporais e espirituais, corpo, inteligência e vontade). Esse método foi criado por Maria Montessori .

Os princípios fundamentais do sistema Montessori são: a atividade, a individualidade e a liberdade. Enfatizando os aspectos biológicos, pois, considerando que a vida é desenvolvimento, achava que era função da educação favorecer esse desenvolvimento.

Os estímulos externos formariam o espírito da criança, precisando, portanto, serem determinados.

Assim, na sala de aula, a criança era livre para agir sobre os objetos sujeitos à sua ação, mas estes já estavam preestabelecidos, como os conjuntos de jogos e outros materiais que desenvolveu.

A pedagogia de Montessori insere-se no movimento das Escolas Novas. Tal como a pedagogia waldorf, o método João de Deus, o método velaverde, ou a Escola Moderna, o método montessori opõe-se aos métodos tradicionais que não respeitem as necessidades e os mecanismos evolutivos do desenvolvimento da criança. Ocupa um papel de destaque neste movimento pelas novas técnicas que apresentou para os jardins de infância e para as primeiras séries do ensino formal.

O material criado por Montessori tem papel preponderante no seu trabalho educativo, pois pressupõe a compreensão das coisas a partir delas mesmas, tendo como função a estimular e desenvolver na criança, um impulso interior que se manifesta no trabalho espontâneo do intelecto.

Estes materiais se constituem de peças sólidas de diversos tamanhos, formas e espessuras diferentes. Coleções de superfícies de diferentes texturas e campainhas com diferentes sons. Tudo visando o prazer absoluto do aluno.

O "Material Dourado" é um dos materiais criado por Maria Montessori. Este material baseia-se nas regras do sistema de numeração, inclusive para o trabalho com múltiplos, sendo confeccionado em madeira, é composto por: cubos, placas, barras e cubinhos. O cubo é formado por dez placas, a placa por dez barras e a barra por dez cubinhos. Este material é de grande importância na numeração, e facilita a aprendizagem dos algoritmos da adição, da subtração, da multiplicação e da divisão.

O "Material Dourado" desperta no aluno a concentração, o interesse, além de desenvolver sua inteligência e imaginação criadora, pois a criança, está sempre predisposta ao jogo. Além disso, permite o estabelecimento de relações de graduação e de proporções, e finalmente, ajuda a contar e a calcular.

O aluno usa (individualmente) os materiais à medida de sua necessidade e por ser autocorretivo faz sua auto-avaliação. Os professores são auxiliares de aprendizagem e o sistema peca pelo individualismo, embora hoje sua utilização seja feita eventualmente em grupo.

No trabalho com esses materiais a concentração é um fator importante. As tarefas são precedidas por uma intensa preparação, e, quando terminam, a criança se solta, feliz com sua concentração, comunicando-se então com seus semelhantes, num processo de socialização.

A livre escolha das atividades pela criança é outro aspecto fundamental para que exista a concentração e para que a atividade seja formadora e imaginativa. Essa escolha se realiza com ordem disciplina e com um relativo silêncio em consideração à perturbação dos professores.

O silêncio também desempenha papel preponderante. A criança fala quando o trabalho assim o exige, a professora não precisa falar alto.

Pés e mãos tem grande destaque nos exercícios sensoriais (não se restringem apenas aos sentidos), fornecendo oportunidade às crianças de manipular os objetos, sendo que a coordenação se desenvolve com o manuseio dos citados instrumentos.

Em relação à leitura e escrita, na escola montessoriana, as crianças conhecem as letras e são introduzidas na análise das palavras e letras; estando a mão treinada e reconhecendo as letras, a criança pode escrever palavras e orações inteiras.

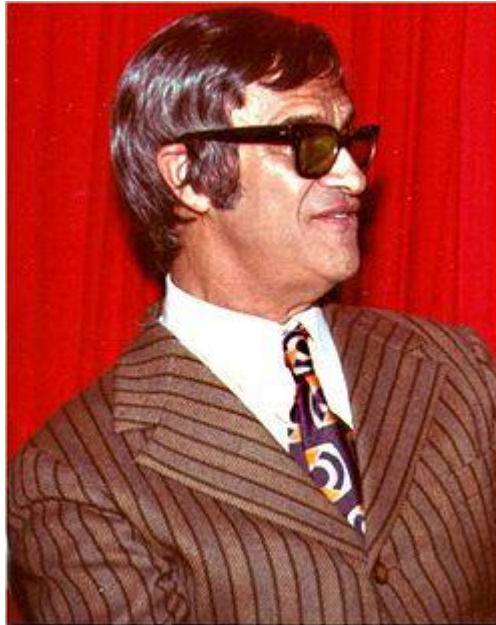
Em relação à matemática os materiais permitem o reconhecimento das formas básicas, permitem o estabelecimento de graduações e proporções, comparações, induzem a contar e calcular.

Treze pontos do Método Montessori:

1. *Baseia-se em anos de observação da natureza da criança por parte do maior gênio da educação desde Friedrich Froebel.*
2. *Demonstrou ter uma aplicabilidade universal.*
3. *Revelou que a criança pequena pode ser um amante do trabalho, do trabalho intelectual, escolhido de forma espontânea, e assim, realizado com muita alegria.*
4. *Baseia-se em uma necessidade vital para a criança que é a de aprender fazendo. Em cada etapa do crescimento mental da criança são proporcionadas atividades correspondentes com as quais se desenvolvem suas faculdades.*
5. *Ainda que ofereça à criança uma grande espontaneidade consegue capacitá-la para alcançar os mesmos níveis, ou até mesmo níveis superiores de sucesso escolar, que os alcançados sobre os sistemas antigos.*
6. *Posições para a melhor procriação na fase infanto-juvenil*
7. *Consegue uma excelente disciplina apesar de prescindir de coerções tais como recompensas e castigos. Explica-se tal fato por tratar-se de uma disciplina que tem origem dentro da própria criança e não imposta de fora.*
8. *Baseia-se em um grande respeito pela personalidade da criança, concedendo-lhe espaço para crescer em uma independência biológica, permitindo-se à criança uma grande margem de liberdade que se constitui no fundamento de uma disciplina real.*
9. *Permite ao professor tratar cada criança individualmente em cada matéria, e assim, fazê-lo de acordo com suas necessidades individuais.*
10. *Cada criança trabalha em seu próprio ritmo.*

- 11. Não necessita desenvolver o espírito de competição e a cada momento procura oferecer às crianças muitas oportunidades para ajuda mútua o que é feito com grande prazer e alegria.*
- 12. Já que a criança trabalha partindo de sua livre escolha, sem coerções e sem necessidade de competir, não sente as tensões, os sentimentos de inferioridade e outras experiências capazes de deixar marcas no decorrer de sua vida.*
- 13. O método Montessori se propõe a desenvolver a totalidade da personalidade da criança e não somente suas capacidades intelectuais. Preocupa-se também com as capacidades de iniciativa, de deliberação e de escolhas independentes e os componentes emocionais.*

1.2.7 – CHICO XAVIER



Chico Xavier, praticante da espontaneidade, foi tido por muitos como ingênuo, mas, na verdade, é um dos Espíritos que mais aproximou, sobretudo pelo exemplo, as criaturas humanas da religiosidade e da prática do Bem em todos os tempos da História da humanidade.

2 – DISCIPLINA: IGUALDADE

Muito mais esclarecedor do que escrevermos uma página sobre o referencial que Emmanuel traçou para o jovem médium Chico Xavier será transcrevermos o que o Irmão X, Humberto de Campos, narrou no livro “*Pontos e Contos*”, psicografado por Chico Xavier, acrescentando alguns poucos comentários sobre alguns aspectos da narrativa verdadeira.

Observemos, mais uma vez, a conotação da disciplina, no significado dado a essa expressão neste estudo, como mera persistência na espontaneidade na prática do Bem, visando a igualdade, apesar da hierarquia que sempre existirá, considerando que somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai, que é Deus:

O PROGRAMA DO SENHOR

Á frente da turba faminta, Jesus multiplicou os pães e os peixes, atendendo à necessidade dos circunstantes.

O fenômeno maravilhara.

O povo jazia entre o êxtase e o júbilo intraduzíveis.

Fora aquinhoado por um sinal do Céu, maior que os de Moisés e Josué.

Frêmito de admiração e assombro dominava a massa compacta.

Relacionavam-se, ali, pessoas procedentes das regiões mais diversas.

Além dos peregrinos, em grande número, que se adensavam habitualmente em torno do Senhor, buscando consolação e cura, mercadores da Idumeia, negociantes da Síria, soldados romanos e camelheiros do deserto ali se congregavam em multidão, na qual se destacavam as exclamações das mulheres e o choro das criancinhas.

O povo, convenientemente sentado na relva, recebia, com interjeições gratulatórias, o saboroso pão que resultara do milagre sublime.

Água pura em grandes bilhas era servida, após o substancioso repasto, pelas mãos robustas e felizes dos apóstolos.

E Jesus, após renovar as promessas do Reino de Deus, de semblante melancólico e sereno contemplava os seguidores, da eminência do monte.

Semelhava-se, realmente, a um príncipe, materializado, de súbito, na Terra, pela suavidade que lhe transparecia da fronte excelsa, tocada pelo vento que soprava, de leve...

Expressões de júbilo eram ouvidas, aqui e ali.

Não fornecera Ele provas de inexcedível poder? não era o maior de todos os profetas? Não seria o libertador da raça escolhida?

Recolhiam os discípulos a sobra abundante do inesperado banquete, quando Malebel, espadaúdo assessor da Justiça em Jerusalém, acercou-se do Mestre e clamou para a multidão haver encontrado o restaurador de Israel. Esclareceu que conviria receber-lhe as determinações, desde aquela hora inesquecível, e os ouvintes reergueram-se, à pressa, engrossando fileiras, ao redor do Messias Nazareno.

Jesus, em silêncio, esperou que alguém lhe endereçasse a palavra e, efetivamente, Malebel não se fez rogado.

– Senhor – indagou, exultante –, és, em verdade, o arauto do novo Reino?

– Sim – respondeu o Cristo, sem, titubear.

Aqui é que começaria a divergência entre os que pretendiam um novo reino material, em que somente mudariam os mandantes, mas nada seria feito em termos de reforma moral, com a conseqüente evolução intelecto-moral.

Jesus pretendia ensinar as Leis de Deus, para acelerar a evolução dos habitantes da Terra e não induzir a uma revolução política: anunciava um “novo Reino”, mas totalmente voltado para o interior de cada um, baseado na auto reforma para o Bem.

A maioria dos seus patrícios pretendia uma revolução política, inclusive com o uso da força, se necessário.

Jesus desagradou profundamente essas criaturas materializadas e egoístas, contando-se entre estes o funcionário da Justiça de Jerusalém e seus acompanhantes, como se verá adiante.

– *Em que alicerces será estabelecida a nova ordem? – prosseguiu o oficial do Sinédrio, dilatando o diálogo.*

– *Em obrigações de trabalho para todos.*

A “nova ordem” era, na proposta de Jesus, a do “autogoverno”, ou seja, cada um modificar sua própria índole, pensando no Bem e realizando-o em favor dos outros, ao invés de pretender benefícios egoísticos.

O trabalho de auto reforma competiria a cada um, portas a dentro da própria consciência.

O interlocutor esfregou o sobrecenho com a mão direita, evidentemente inquieto, e continuou:

– *Instituir-se-á, porém, uma organização hierárquica?*

– *Como não? – acentuou o Mestre, sorrindo.*

Atentemos para dois pontos: 1) Jesus confirma que sempre haverá hierarquia, pois assim também acontece no mundo espiritual, todavia, é de se ressaltar que os superiores são sempre aqueles que mais Amam, pois assim Jesus disse: “*Reconhecereis Meus discípulos pelo muito Amor que manifestarem*”. Não são os mais intelectualizados, os mais ambiciosos, os mais ricos, nem os proletários ou os mais pobres que comandam no mundo espiritual, o qual é a matriz de onde promanam as mudanças para as instituições terrenas. Essa noção não contraria a igualdade, pois o comando dos que mais Amam respeita em todas as criaturas sua qualidade de filhos de Deus; 2) Jesus nunca foi sisudo, severo, frio, mas sempre se mostrava receptivo, afetuoso, paciente. Nos Evangelhos, devido à precariedade vocabular da época em que foram escritos, esse detalhe não é ressaltado. Todavia, em narrativas, por exemplo, do Irmão X, de Cneio Lúcio e outros aparece sempre esse aspecto importante da Pedagogia do Divino Governador Planetário.

– *Qual a função dos melhores?*

– *Melhorar os piores.*

– *E a ocupação dos mais inteligentes?*

– *Instruir os ignorantes.*

– *Senhor, e os bons? Que farão os homens bons, dentro do novo sistema?*

– *Ajudarão aos maus, a fim de que estes se façam igualmente bons.*

– *E o encargo dos ricos?*

– *Amparar os mais pobres para que também se enriqueçam de recursos e conhecimentos.*

“A quem muito é dado muito é pedido”: disse Jesus. Ao invés de explorar e escravizar os menos dotados de recursos intelectuais, morais e materiais, compete aos mais aquinhoados auxiliar os primeiros, tal como Jesus exemplificou o tempo todo da Sua encarnação: aí a Igualdade, que se pretende, dentro das diferenças naturais decorrentes do grau evolutivo de cada um.

– *Mestre – tornou Malebel, desapontado –, quem ditará semelhantes normas?*

– *O amor pelo sacrifício, que florescerá em obras de paz no caminho de todos.*

Note-se aqui a espontaneidade ao Jesus afirmar que as “normas” do “novo Reino” serão ditadas, não por legisladores, mas pela consciência de cada um em relação a si próprio, mas sim pelo “amor ao sacrifício” em favor dos outros.

Aqui também se trata da espontaneidade na autodoação e também da disciplina interior, porque cada um cobrará de si mesmo.

– *E quem fiscalizará o funcionamento do novo regime?*

– *A compreensão da responsabilidade em cada um de nós.*

Nenhum fiscal exterior, mas a “compreensão da responsabilidade em cada um de nós”. Note-se que Jesus não se exclui dessa obrigação, mas, ao contrário, se inclui no dever de compreender a responsabilidade de trabalhar, como todos os demais, Seu próprio interior para contribuir para a implantação do “novo Reino”.

– *Senhor, como tudo isto é estranho! – considerou o noviço, alarmado – desejarás dizer que o Reino diferente*

prescindirá de palácios, exércitos, prisões, impostos e castigos?

– Sim – aclarou Jesus, abertamente –, dispensará tudo isso e reclamará o espírito de renúncia, de serviço, de humildade, de paciência, de fraternidade, de sinceridade e, sobretudo, do amor de que somos credores, uns para com os outros, e a nossa vitória permanecerá muito mais na ação incessante do bem com o desprendimento da posse, na esfera de cada um, que nos próprios fundamentos da Justiça, até agora conhecidos no mundo.

Ficam aqui manifestadas mais claramente ainda as ideias da disciplina interior e da espontaneidade, mas também a da criatividade, esta última através da expressão: “*ação incessante do bem com o desprendimento da posse*”.

A ação depende da criatividade, da capacidade de improvisar, de achar soluções, o que não se consegue apenas pela inteligência, mas principalmente pela boa vontade, pelo desejo de servir, pelo “*desprendimento da posse*”, pois somente quem trabalha constantemente com essa mentalidade contribui de maneira decisiva para a evolução dos outros.

Nesse instante, justamente quando os doentes e os aleijados, os pobres e os aflitos desciam da colina tomados de intenso júbilo, Malebel, o destacado funcionário de Jerusalém, exibindo terrível máscara de sarcasmo na fisionomia dantes respeitosa, voltou as costas ao Senhor, e, acompanhado por algumas centenas de pessoas bem situadas na vida, deu-se pressa em retirar-se, proferindo frases de insulto e zombaria...

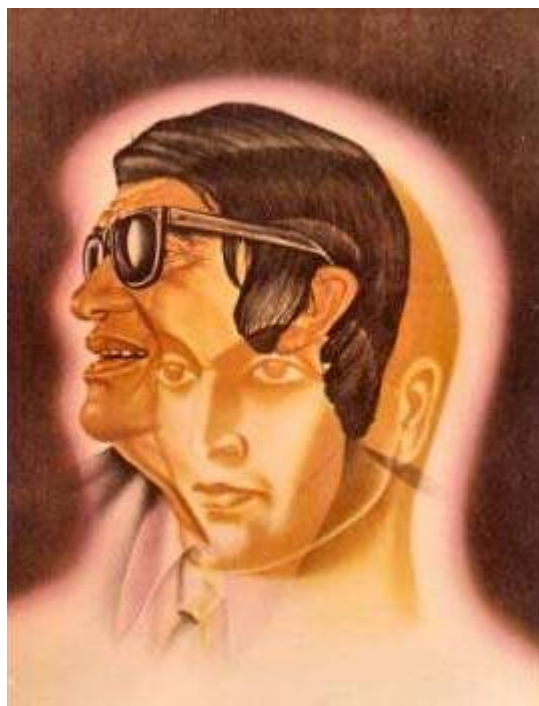
O milagre dos pães fora rapidamente esquecido, dando a entender que a memória funciona dificilmente nos estômagos cheios, e, se Jesus não quis perder o contato com a multidão, naquela hora célebre, foi obrigado a descer também.

A disciplina interior induz à igualdade, esta que nos faz compreender que qualquer traço distintivo entre as criaturas de Deus não significa que haja diferença na “*essência*” entre elas e que a hierarquia que Jesus mesmo afirmou que existirá

sempre deve se basear na maior quantidade de Amor que caracteriza os mais evoluídos e que os leva a mais Amar os que lhes estão abaixo na escala evolutiva, os quais necessitam do seu exemplo de vida dedicada ao Amor Universal para, acreditando nesse estilo de vida, fazerem também o mesmo.

“Se a palavra convence, o exemplo arrasta”.

2.1 - “DISCIPLINA, DISCIPLINA E DISCIPLINA”



Muitas pessoas se enganam quando veem em Emmanuel o disciplinador rigoroso da tarefa mediúnica de Chico Xavier, quando, na verdade, foi o amigo incondicional de todas as horas, que, do mundo espiritual, onde tinha acesso ao programa de trabalho de Chico, lhe ia repassando cada item a ser cumprido, de tal forma que ocorresse o mínimo de falhas possível.

Além da tarefa da mediunidade de psicografia, que se desdobrou em centenas de livros, milhares de mensagens e receituário, tinha Chico que cumprir uma atividade intensa de atendimento fraterno, ou seja, aconselhamento a pessoas necessitadas de orientação pessoal, tendo também a dupla de missionários muito realizado no umbral e nas trevas, no socorro a Espíritos em alto grau de perturbação.

A disciplina a que se submeteu não só Chico, mas também Emmanuel, era a constância na espontaneidade na prática do Bem. Não que vivessem sob um regime de imposições, mas de espontânea vivência do Amor Universal.

Realizar no Bem como mera obrigação, como se fosse uma contingência desagradável, mas da qual não se pode fugir, não concede nenhum mérito a quem assim procede. O que vale como impulsionador da evolução é a vivência do Bem por Amor a todas as criaturas, com a satisfação interior de “*dar e receber*” afeto, confiando plenamente na “*interdependência dos seres*” e não com a mentalidade arrogante de estar cumprindo a tarefa de grande benfeitor da humanidade.

Tanto Chico quanto Emmanuel nunca se colocaram na posição de mestres de gente ignorante e primitiva, mas sim na de irmãos de milhões de seres humanos, felizes em conviver com todos, em um sistema de permuta constante de afetividade, sendo que, aliás, assim pensam, sentem e fazem todos os Espíritos Superiores.

É preciso entendermos que Emmanuel não é nenhum “*general autoritário*”, mas sim um coração que aprendeu a humildade, o desapego e a simplicidade e estava sempre atento, como se encarnado fosse ao lado de Chico, para que ele sempre acertasse no relacionamento com os encarnados e desencarnados na realização do Amor Universal.

A confissão sincera de Emmanuel em “*Há Dois Mil Anos*” é que fez com que, inconscientemente, muitos espíritas que leram essa obra monumental no sentido humano fixasse a ideia, errônea, de que ele continuava mantendo os mesmos defeitos morais de dois milênios atrás.

“*Disciplina, disciplina e disciplina*” significa simplesmente a determinação na vivência da espontaneidade, ou seja, das virtudes que nos fazem psicologicamente próximos das “*criancinhas*” a que Jesus se referiu, de quem Ele disse, simbolicamente, que é o “*Reino dos Céus*”.

3 – CRIATIVIDADE: FRATERNIDADE

Criar é receber a intuição sobre algo que ainda não existe no meio onde vivemos, mas que existe em outros pontos do Universo. Sem a intuição não há criatividade.

Também é verdade que: “*Nada se cria, tudo se copia*”, pois a intuição é sintonia mental com alguém que transmite, pelo fio invisível do pensamento, aquilo que conhece.

A razão é horizontal, lenta, enquanto que a intuição é instantânea, pois é desdobramento da mediunidade, que é um meio mais aprimorado dos Espíritos se comunicarem direto pelo pensamento.

A improvisação, a capacidade de achar solução para uma questão aparentemente insolúvel: isso é criatividade.

Os bem intencionados criam sintonizados com outros bem intencionados e vice-versa.

Pensemos nas nossas intenções para saber com quem estamos sintonizados: se com os bons ou com os maus, conforme os desejos mais secretos que alimentamos.

Se pretendemos sempre fazer o Bem nossa criatividade se direcionará para a Fraternidade Universal: esse o ponto máximo da nossa vida, quando adquirimos luz interior, como foi o caso do irmão Jacob, cuja história foi retratada no livro “*Voltei*”, psicografado por Chico Xavier.

3.1 – CRIATIVIDADE NO BEM



Fica aqui registrada a nossa homenagem a esse Espírito que retomou sua caminhada no Bem e que deverá reencarnar daqui a algum tempo, a fim de realizar um trabalho profícuo como verdadeira discípula de Jesus que começou a ser.

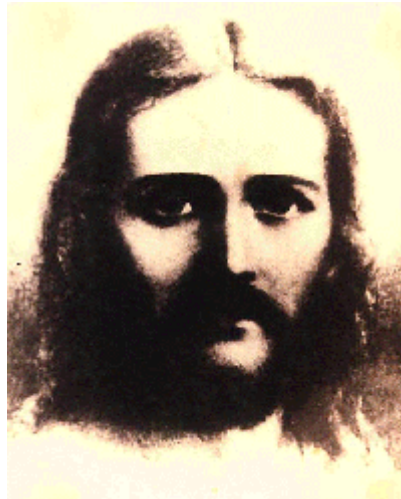
Deus nunca fecha a porta da oportunidade aos Seus filhos e filhas e Ama a todos indistintamente, pois a Felicidade do Pai é ver sua felicidade.

4 – AMOR UNIVERSAL

O presente estudo pode ter ou não uma lógica, que convença os leitores mais exigentes, mas seu valor é apenas dizer apenas o seguinte: por qualquer caminho que se chegue ao Amor Universal estará alcançado o objetivo a que todos os trabalhadores do Cristo se propõem.

Essa é a nossa proposta: aconselhar as pessoas a pensarem, sentirem e agirem dentro do Amor Universal, ou seja, a todas as criaturas de Deus, desde o átomo invisível ao Universo inteiro.

Louvado seja Jesus, o Mestre do Amor Universal para os habitantes da Terra!



FIM